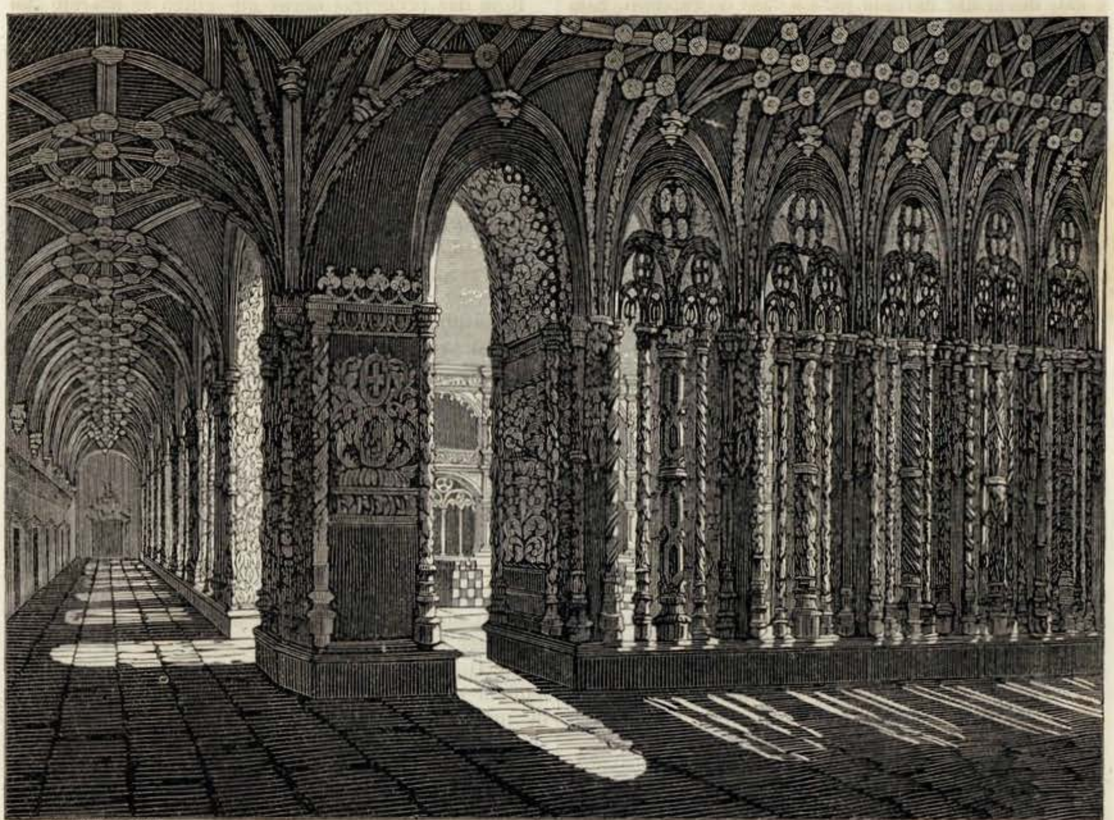


Crasta ou claustro do mosteiro de Santa Maria de Belem

Quando démos á estampa a gravura do interior do grandioso templo de Santa Maria de Belem [1], promettemos publicar mais alguns desenhos tirados photographicamente d'este famoso monumento, e continuar a descripção que d'elle começámos n'esse numero d'este semanario.

A estampa que hoje apresentâmos é da tão gabada crasta ou claustro dos Jeronymos.

É um quadrado de arcadas, tendo cada lanço 55^{m} de comprimento e 6^{m},25 de largura, todos de abobada e de tecto artezoado.

Cada lanço tem seis arcos, cujos pilares, assim como as columnas, assentam em estylobato, isto é, em plintho seguido. Cada arco constitue sua abobada, debaixo da qual ficam outros dois arcos sustentados ao meio por um pilar, sendo cada um d'elles ainda subdividido ao meio por uma columna.

Por baixo da volta de cada arco maximo, no vão que fica entre os dois interiores maiores, ha um olhal que tem no centro, ora uma coroa, ora um *R*, logo um *M*, depois um *S*, um *I*, um galeão, a cruz da ordem de Christo, e outros emblemas. É evidente que as letras *M R* são as iniciaes de *Manuel Rei*; quanto ao *S* tem-se feito varias conjecturas; mas naturalmente allude a D. Sebastião, em cujo reinado se fizeram alli muitas obras; assim como o *I*, que ninguem ainda notou, designa provavelmente el-rei D. João III, que continuou a obra depois da morte de seu pae. Pela parte de dentro repetem-se os mesmos symbolos, havendo além d'isso flores de liz, tudo bem relevado.

[1] A pag. 1 do presente vol.

Todos estes ornatos, bem como as esculpturas e arabescos que guarnecem os vãos dos arcos, os lavores e feitios das columnas e pilares, são tão variados e multiformes, que fôra impossivel notal-os a um e um. Basta dizer que os emblemas, recortes e mais ornatos que assentam sobre columnas tão delgadas e esbeltas, parecem uma renda mui subtil, e do mais perfeito e mimoso lavor.

No lanço que a estampa mostra de fundo, vêem-se á direita doze portas de architectura uniforme, as quaes dão para outros tantos confessionarios que se abrem no corpo da egreja [1]. Nos cinco pilares fronteiros a estas portas, em linha horisontal, está esculpido o sol, e quatro bustos em medalhões. Crê-se com fundamento que o sol designa o Oriente, e que os bustos são os dos quatro nautas que já tinham ido ao tempo que a edificação do mosteiro chegava áquelle ponto; isto é, Vasco da Gama, Paulo da Gama, Nicolau Coelho e Pedro Alvares Cabral. Este ultimo busto confirma a inducção, ou antes a tradição, pois está olhando para o lado opposto ao sol, commemorando assim o seu feliz descobrimento das terras Occidentaes ou do Brasil.

Nos outros pilares repetem-se os emblemas del-rei D. Manuel, muitos symbolos da Paixão, figuras de santos, etc.

Seguido ás doze portas dos confessionarios ha outra que vae para a torre, tendo quasi por cima, para o lado esquerdo, uma janella de volta com sua columna no meio, que dá claridade para a escada da torre. No canto d'este mesmo lanço abriram os fra-

[1] Vid. o art. a pag. 3 d'este vol.

des uma porta quadrada e vulgar para passarem para o cruzeiro da egreja.

No lanço immediato ha duas portas; uma deita para a sacristia; e a outra, que está tapada de pedra e cal, devia dar entrada para a casa do capitulo. Esta casa tem apenas as paredes, e consta que el-rei D. Manuel a destinava para seu jazigo e de sua familia. É toda lavrada esta porta de entrada, com um pilar ao meio que a divide, e duas imagens de pedra aos lados, uma de S. Jeronymo, e outra que póde ser de Santo Eusebio, monge da ordem; e por cima dois medalhões com os bustos, ao que parece, de D. Manuel e da rainha D. Maria, sua mulher.

Esta casa do capitulo foi dada de empreitada ao architecto João de Castilho; e a porta, ou antes, o portal da entrada, foi feito pelo mestre Rodrigo Pontezylha.

Quando n'aquelle convento estiveram aquartelados os inglezes, no tempo da guerra peninsular, fizeram d'aquella casa cemiterio para os soldados. Depois os frades continuaram alli a enterrar gente pobre, de sorte que estava aterrada até ao meio. O sr. Eugenio de Almeida já a mandou desentulhar, com o intento de a restaurar, e servir de capella especial da Casa Pia, quando lá chegarem as obras que estão em andamento, e continuam com a inquebrantavel perseverança que caracterisa tão illustrado e zeloso provedor.

No terceiro lanço ha uma porta que communica com o refeitorio; e outra, mais adiante, que devia dar passagem para os claustros onde o fundador tencionava edificar os dormitorios do mosteiro; porém como não estavam sequer principiados, quando elle morreu, aproveitaram, para fazer as cellas, o grande corredor que deita para o Tejo, e foi este o que ficou sempre servindo de dormitorio dos frades.

No quarto lanço é que fica a porta que na estampa se accusa ao fundo, por onde começámos esta descripção.

Nas paredes da crasta fizeram-se no tempo del-rei D. João III tres capellas, dedicadas uma á Annunciação e outra á Assumpção da Virgem Maria, e a terceira a S. Jeronymo, de que hoje só ha os altares. Nos quatro angulos ha retabulos para outros tantos quadros, que alli estiveram, attribuidos a Manuel Campello e Gaspar Dias, insignes pintores portuguezes do seculo XVI, que foram para a academia das Bellas-artes em 1834.

Não conseguiu o rei fundador ver completo este claustro, que era o seu principal enlevo em toda esta sumptuosa fabrica. Como já dissemos, as capellas foram concluidas por seu filho el-rei D. João III; e o lago que havia ao centro do claustro, bem como os assentos e alegretes em volta, e mais o espaço lageado para servir de passeio aos frades, foi tudo obra do cardeal D. Henrique.

Este lago era quadrado, e cortado por quatro pontes de lagedo, que davam communicação para uma especie de ilha tambem quadrada, tendo ao centro um pequeno tanque redondo com repuxo.

Quando o actual provedor da Casa Pia, estabelecida n'este edificio desde 1833, o digno par do reino José Maria Eugenio de Almeida, tomou conta da administração d'esta casa em 20 de outubro de 1859, requisitou do ministerio das obras publicas um architecto para receber d'elle o programma pelo qual formasse os projectos de reconstrucção do edificio, não só para melhor accommodação dos orphãos — «mas tambem para limpar o monumento das excrecencias que o desfeiavam; acabar o que estava por fazer, pondo-o em harmonia com as obras da antiga fabrica, e traçar novas construcções, de modo tal, que o seu estilo, embora simples, não desdissesse do estilo do monumento, que, para ser respeitado e imitado, bastará lembrarmo-nos que tem o cunho de ser coisa nossa portugueza». — São palavras textuaes do excellente relatorio do sr. Eugenio de Almeida, relativo ao primeiro anno da sua administração, enviado ao ministerio do reino, e impresso á sua custa. [1]

Uma das primeiras obras que então se fizeram, foi desempachar o claustro do tanque de pedraria bruta que o cardeal tinha erguido no meio de tão primorosas e esbeltas arcadas.

Houve quem murmurasse de tão acertada remoção; e por isso o illustrado provedor, no luminoso relatorio supracitado, a fundamenta no capitulo VIII, que no indice tem por epigraphe: *Das demolições e obras provisorias que se fizeram ultimamente no edificio.*

Os seguintes paragraphos são importantes para a historia das variações do convento de Belem.

«Arrancou-se o massame do lago, que estava no centro do claustro, depois de se terem feito e meditado as observações seguintes, que nem tantas eram precisas para se tomar aquella resolução.

1.ª Não havia na cerca agua bastante para renovar a miudo o grande volume da que o lago continha; e mudando-se esta sómente duas ou tres vezes no anno, como acontecia, tornava-se putrida e fetida, e isto no logar mais baixo e humido da casa, e um dos mais frequentados pelos orphãos, vindo assim a ser o lago uma causa permanente de insalubridade.

2.ª Conservar este para o ter sempre secco, como o deixei por alguns mezes, além de ser uma pretenção extravagante, era tornal-o deposito de immundicie, ou obrigar a cuidados e a despezas diarias para o manter limpo.

3.ª O lago, ou, para fallar com mais propriedade, aquella especie de tanque de horta, obra grosseira e de mau gosto dos frades que a fizeram, nada tinha com a obra delicada e graciosa do claustro de D. Manuel, e longe de o embellesar, desfeiava-o, obrigava a ter entulhadas as pilastras na altura de mais de um metro, e perturbava a perspectiva de todo o claustro.

Não me atrevi, todavia, a decidir este ponto pelo meu voto, que seria incompetente; consultei alguns d'aquelles que em objectos d'estes nos dão os conselhos necessarios para conhecermos e respeitarmos o que tem titulos de arte pura, e para não confundirmos esta com as obras que não gozam de egual fôro. Todos os que consultei approvaram a demolição do tanque. Entre elles poderia citar, se o respeito m'o permittisse, um voto augusto por mais de um titulo, e de incontestavel auctoridade em todas as coisas de arte e de bom gosto. [2]

4.ª A despeza que se fez com a remoção d'aquelle acervo de pedregulhos e argamassa foi, como se tinha orçado, compensada e muito excedida pelo valor das carradas de pedra de alvenaria e de cantaria que o desmancho d'elle produziu, e que estão arrumadas para servir ás obras de reconstrucção.

5.ª O tanque será substituido por um jardim simples e elegante, que servirá de ornato natural ao claustro, de recreio e saude ás criancinhas.

Esta é a verdade pura, que reconhecem todos os que viram o tanque, e que o souberam ver; mas, como elle já não existe, desejo deixal-a memorada aqui, para que os que não o viram não tomem como coisa séria algumas lagrimas de crocodilo choradas pela destruição d'aquelle marnel, e que eu bem sei por que eram choradas».

Por cima dos quatro lanços da crasta, corre outra arcada ou galeria, cujos vãos estavam tapados de tabique para servirem de dormitorio dos orphãos, o que deturpava a architectura do claustro, occultando e mascarando os lavores de cantaria tão bem trabalhada!

Tudo foi já demolido, limpos e restaurados os pi-

[1] Opusculo de 134 pag. in-8. Lisboa. 1861.
[2] Allude-se visivelmente a S. M. el-rei D. Fernando.

lares e esculpturas que os tabiques e frontaes haviam damnificado.

Nos acroterios d'esta galeria ha vinte estatuas mettidas em nichos, dignas de attenção pela minudencia dos lavores.

Vê-se pelos saimeis, e por alguns sóccos alli assentes já, de antiga data, para as columnas centraes dos arcos, que esta galeria, chamada commummente claustro superior, ou de cima, havia de ser em tudo egual ao lanço de baixo. Mas ficou por acabar, como todos os nossos monumentos.

Sobre esta galeria ha um terraço com sua platibanda, d'onde se avistava o mar antes de se fazer o dormitorio que deita para o largo dos Jeronymos. Foi agora asphaltado de novo, encaminhando-lhe para fóra as aguas da chuva que penetravam para dentro do edificio.

O architecto d'este famoso claustro foi João de Castilho, e os pilares são do mestre Francisco de Benavente, o que ha poucos annos se soube pelas contas da *despeza das obras de Belem*, que o sr. Varnhagem achou na Torre do Tombo.

Para a descripção que acabâmos de fazer, além da inspecção ocular, servimo-nos da «noticia historica do mosteiro de Belem», publicada pelo nosso consocio o sr. Varnhagem em 1842; da «memoria» do sr. abbade Castro, e dos optimos artigos do *Universo Pittoresco* t. II, nos quaes se faz menção e extracto de uma chronica inedita do convento, que alli se diz ter ido com outros papeis para a repartição dos proprios nacionaes, onde tencionâmos procural-a, para nos guiar na illustração de outros desenhos d'este monumento que já se acham gravados.

A VISÃO DO PRECIPICIO

(Conclusão. Vid. pag. 234)

IV

CONSEQUENCIAS IMPREVISTAS DE UMA THEORIA MEDICA

A viscondessa Amelia de S. Christovão, em casa de quem tivera logar a scena que descrevemos no capitulo precedente, era uma gentil viuvinha de vinte e sete annos, maliciosa como um demonio, e espirituosa... como uma viscondessa; tinha além d'isso uma grande propensão para o romanesco, propensão que, sendo habilmente disfarçada e desculpada por muito espirito e amabilidade, em logar de a tornar ridicula, davalhe, pelo contrario, um indefinivel encanto, que fazia d'ella a viscondessa mais tentadora d'este mundo sublunar.

O visconde de S. Christovão, rapaz com quem casára por paixão, morrêra em consequencia de um desastre n'uma caçada, deixando-a aos vinte e quatro annos viuva, rica e gentil. Se a viscondessa não fosse romantica moderada, que magnifico ensejo se lhe offereceria para contar ao mundo em estilo lamuriento as desventuras do seu coração de rola, e de se pintar a si poisada (metaphoricamente) no tronco lascado pelo raio, em quanto o companheiro da sua vida fôra arrebatado pelo tufão do infortunio! Isto convenientemente temperado com uma certa quantidade de suspiros e de languidos olhares, era a tentação de uma *blue-stocking* (em portuguez de sala *bas-bleu*).

Mas a viscondessa, felizmente para os seus admiradores, estava acima d'esses modelos vulgares; não tinha o mau gosto de fazer sentimentalismo a desproposito, e mostrava unicamente pena sincera da morte de seu marido; mas como por fim de contas, apesar de o ter estimado devéras, não tinha sentido por elle uma d'essas paixões que decidem da vida de uma pessoa, não se isolava na sua dor, e deixava-se consolar da melhor vontade pelas lisonjas e admirações da sociedade em que vivia. A vaidade no coração das mulheres, dizem as más linguas, é o sentimento que sobrevive a todos os outros.

Comtudo, devemos dizer, que todo o espirito da viscondessa não a impedia de dar de vez em quando a entender, que o seu coração já estava morto para todos os affectos d'este mundo, e que no deserto do seu peito, onde apenas tinha vecejado uma palma, não restava, depois de ella ter sido arrancada pelo siroco abrazador, senão a desolação e a tristeza. Não era tal assim, e o doutor Vidigal muitas vezes lh'o dizia com a mais rude sinceridade; a viscondessa tinha ainda o coração perfeitamente accessivel a todas as impressões, e aquelle lindo rosto, a que ella de vez em quando tentava dar a rigidez marmorea e impassivel, onde se revelasse um caracter que o soffrimento embotou, não esperava por fim de contas senão um Pygmalião enthusiasta que o adorasse e que lhe désse fogo e vida ao tocal-o com os labios ardentes de paixão.

Estava ella para casar com um sujeito seu primo. Agostinho Corrêa se chamava elle. Santo homem! Deus lhe falle n'alma; morreu ha quinze dias de uma indigestão. A terra lhe seja leve, no que dará prova de grande magnanimidade, porque, sejamos justos, o bojudo primo da viscondessa de S. Christovão não foi dos fardos mais ligeiros que a terra supportou. Esse casamento com o primo, em que já ouvimos fallar o doutor Vidigal, era um casamento que não se podia classificar em nenhuma das especies de casamentos conhecidas... A viscondessa estava cançada da viuvez, e teimava em não querer acceitar a côrte a pessoa alguma; desejava ver-se livre dos pretendentes que a sitiavam, e queria mostrar a todos, que depois da morte do seu amado visconde não podia sentir outra affeição. O marido por conseguinte, que lhe convinha, devia ser um homem reconhecidamente incapaz de inspirar amor a uma senhora do espirito da viscondessa. O primo vinha talhado de molde para esse fim. Agostinho Corrêa era um d'esses grandes asnos que a Providencia cria para fins especiaes, quando não existem unicamente para equilibrar as grandes intelligencias, segundo a opinião de Rebello da Silva. Por conseguinte foi o primo Agostinho o escolhido, com grande desapontamento de todos os pretendentes, e com grande escandalo do doutor Vidigal.

Dadas estas indispensaveis informações, transportemo-nos ao toucador da viscondessa, quando o sol já quasi no meio da sua carreira doira as bambinellas de cassa bordada, e entrando alegre n'essa linda sala mobilada com um perfeito gosto feminil, parece dar vida aos moveis, animar os quadros, e conversar familiarmente com os livros da bibliotheca. A viscondessa, sentada junto da janella, está folheando distrahidamente um livro novo que lhe chegou de Lisboa. Pareceu-me, olhando de relance para o alto das paginas, que era um livro de Julio Machado, *Recordações de Paris e Londres*. Tenha paciencia o delicioso folhetinista, mas parece-me que d'esta vez a elegante senhora não presta ao seu livro a attenção que habitualmente as senhoras prestam aos escriptos do seu predilecto escriptor. Creio, Deus me perdôe se minto, que o folhear do livro novo não é senão um pretexto para a viscondessa poder folhear, ás escondidas de si mesma, um livro bem mais interessante, que é o livro do coração.

Por cima da mesa proxima estão espalhados romances francezes, entre os quaes distingo a *Petite Comtesse* de Octavio Feuillet, e as *Nouvelles* de Musset; livros portuguezes tambem, o *Amor e Melancolia* de Castilho, os *Versos* de Bulhão Pato, e *D. Jayme*, o li-

vro da voga. Vê-se que a viscondessa é senhora de fino gosto.

Não posso continuar a investigação, porque n'este momento abre-se a porta, e uma criada diz á viscondessa, que o doutor Vidigal deseja fallar-lhe. D'ahi a momentos é introduzido o nosso amigo doutor.

— Bons dias, doutor, diz-lhe a viscondessa com a sua voz melodiosa, e estendendo-lhe a branca mãosinha, então hontem apanhou chuva?

— Não, minha senhora, a tempestade respeitou-me; se o padre prior me acompanhasse, seria a coisa mais séria: ha entre elle e a agua uma antipathia notavel, e a chuva por birra, querendo ensopar o culpado, ensoparia tambem o innocente; mas v. exc. livrou-me d'essa desventura.

— E não encontrou espectros?

— *Non bis in idem*, senhora viscondessa: Bem sabe que já tinha tido o meu quinhão em casa de v. exc.

— É verdade, disse a viscondessa com um modo na apparencia indifferente, já viu esse pobre rapaz?

— Vi.

— Que tal o acha?

— Mal.

— Então é séria a loucura?

— É.

— Aterra-me com o seu laconismo, doutor.

— O laconismo inventou-se para as occasiões graves.

— E esta é uma d'ellas?

— É: aquelle rapaz tem uma das organisações mais originaes que eu tenho encontrado na minha carreira medica; nunca imaginei que a exaltação romanesca de uma imaginação ardente podesse exercer uma tal influencia na parte material do homem; uma febre passageira, que se dissiparia com o repouso, e com a luz do dia principalmente, era natural; mas uma loucura assim com todos os caracteres da alienação mental mais grave, socegada, meiga, incançavel na mesma idéa, é um facto raro. Pois é esse realmente o estado de José Augusto de Albuquerque.

— E que meios espera pôr em pratica para a debellar?

— Os meios moraes unicamente, minha senhora, e v. exc. póde ser-me n'isso de um grande auxilio.

— De que maneira?

— V. exc. sabe que actualmente o systema que se está empregando com mais frequencia, e de que se tem colhido melhores resultados, é o emprego dos remedios brandos; acceder perfeitamente aos desvarios da loucura, condescender com todas as suas exigencias, evitar o mais possivel o dar a entender ao doente que está n'um estado anormal, e conduzil-o assim a pouco e pouco á razão, é com effeito o unico tratamento possivel em casos em que um choque forte é inutil, porque não foi tambem um choque o motivo da loucura. V. exc. já de mais a mais tem uma grande influencia no doente, pelo papel que elle lhe distribuiu no drama ideado pela sua phantasia exaltada. Por conseguinte ponha de parte os escrupulos, e represente por algum tempo o papel de amante extremosa de Raymundo Paes; evitemos principalmente tudo quanto possa produzir no animo do doente um effeito phantastico. Seja a Branca do seculo XIII, mas faça-lhe perceber indirectamente que está em pleno seculo XIX; rodeemol-o do bulicio do mundo, dêmos-lhe luz, ar e animação, façamos-lhe absorver a vida por todos os póros, não lhe mostremos senão quadros alegres, evitemos-lhe a sombra da noite, que elle poderia povoar de phantasmas. Acceita o encargo, senhora viscondessa?

Amelia ficou silenciosa, encostou a mão no rosto, e por alguns instantes fitou o horisonte limpido e sereno, onde o sol de Portugal tinha dissipado todos os vestigios da tempestade; depois, erguendo para o medico os olhos em que brilhava uma especie de alegria infantil, disse-lhe sorrindo:

— É romanesco o papel; ainda assim acceito-o. Que remedio, doutor! A gente não tem remedio senão sacrificar-se algumas vezes, não é verdade?

— Já se vê, minha senhora! v. exc. com este rasgo eclipsou todas as heroinas da antiguidade. Se me dá licença vou ver o doente.

— Vá, doutor.

Vidigal levantou-se e foi para saír. Quando chegou á porta voltou-se, e disse maliciosamente:

— É verdade, e o primo Agostinho não se zangará?

— Que me importa a mim o primo Agostinho, respondeu a viscondessa impaciente: não pensava eu agora n'outra coisa!

— Bom! parece-me que a cura ha de ser facil, tornou o doutor, e saíu esfregando as mãos.

Sendo de meu natural propenso á commiseração, poupo ao leitor os episodios do tratamento de José Augusto: descance que não tenciono contar-lhe nem os passeios dados pelo nosso heroe, pela viscondessa, e pelo doutor, a exaltação de José Augusto caindo de joelhos junto da viscondessa, beijando-lhe os pés, fazendo-lhe mil protestos de amor apaixonado, a perturbação da viscondessa quando a loucura do mancebo tomava proporções assustadoras; depois a obediencia do pobre louco a um gesto, a um olhar de Amelia, e quando as melhoras começaram a tornar-se sensiveis, renuncio a pintar o contentamento da viscondessa, vendo em José Augusto a meiguice melancolica succeder á exaltação da linguagem. Elle ás vezes ficava horas e horas contemplando a viscondessa com uma expressão de amor indizivel, e via-se o esforço que se estava operando n'aquella intelligencia ainda obscurecida, para poder apanhar a verdade que lhe fugia por entre mil visões extravagantes. Depois approximava-se d'Amelia, agarrava-lhe na gentil cabecinha com as duas mãos, e olhava-a, olhava-a longamente; a final recaía n'um delirio incrivel, e beijava-lhe os cabellos. A viscondessa fugia perturbada, ou com um gesto imperioso obrigava-o a recuar. O doutor scismava.

— Hum! resmungava elle comsigo mesmo, isto complica-se; parece-me que elle ainda lhe tem mais amor nos intervallos quasi lucidos, do que nos momentos de delirio. Faz uma traição ao espectro de D. Branca em favor da viscondessa. Infidelidade perdoavel!

Mas finalmente a razão voltou quasi inteiramente ao cerebro d'onde tinha fugido. Então José Augusto pedia mil perdões á viscondessa pelas suas loucuras, mas com um modo tão triste, que o doutor pensava que dos actos praticados por elle no delirio lhe ficava uma reminiscencia vaga, e que essa reminiscencia era tão suave que elle preferia á loucura a sensatez, a illusão á realidade. Ainda de vez em quando um accesso de febre vinha interromper momentaneamente o tratamento, mas sem o atrazar por fórma alguma: tanto mais quanto tinha desapparecido a principal mania, e que n'esses momentos não pensava já em Branca nem em Raymundo Paes, mas simplesmente na viscondessa D. Amelia, de quem n'essa occasião se considerava noivo.

Omitto tambem os episodios secundarios que se passavam em casa da viscondessa, taes como os duellos homericos do padre prior e de John Williams, duellos que enchiam de espanto os criados, e despejavam de vinho os toneis da adega; os progressos lyricos da criadagem, que toda sabia cantar o *God save the Queen*, ensinado pelo fiel subdito inglez M. Williams; ponho tambem de parte as carregações de rosarios e de doces d'ovos recebidas de Lisboa pela tia velha, e os somnos monumentaes do senhor

morgado, irmão da viscondessa, homem que só sabia

Depois de acordar comer.
Depois de comer dormir!

Mas finalmente completou-se a cura de José Augusto, e cessou por conseguinte o unico pretexto que podia auctorisar o prolongamento da estada dos dois amigos em casa da viscondessa. Um dia José Augusto tomou uma resolução energica, e mandou pedir á viscondessa que lhe concedesse alguns instantes de conversação. Amelia mandou-o entrar para o toucador, e, como o sol ia já a declinar no horisonte, e as sombras do crepusculo começavam a escurecer algum tanto o quarto, a viscondessa aproveitou-se d'isso para se collocar completamente na sombra, e occultar assim a José Augusto as impressões que a sua physionomia podia revelar, em quanto elle com o rosto completamente illuminado pelos ultimos clarões do sol moribundo, não podia fazer um gesto que a viscondessa não percebesse immediatamente.

Depois dos preliminares esgotados, observações ácerca do bom tempo, reflexões sobre a colheita do anno futuro, analyse de livros recentemente publicados, escaramuça que durou ainda assim um quarto de hora, José Augusto fez um esforço, e disse com voz sumida:

— Eu venho pedir-lhe as suas ordens para Lisboa, senhora viscondessa; tenciono partir ámanhã.

— Já? — balbuciou a viscondessa irreflectidamente.

N'este ponto devemos prestar a devida homenagem á habilidade estrategica da viscondessa. Se não fosse



Palacio dos marquezes de Castello Melhor ao Passeio Publico

a posição que tinha tomado, a pallidez que lhe cobriu o rosto, vista por José Augusto, enchel-o-hia de orgulho por mais modesto que elle quizesse ser.

— Já, diz v. exc? — respondeu tristemente o moço enthusiasta, quanto eu admiraria a delicadeza do seu espirito, se não admirasse ainda mais a bondade do seu coração. Eu, homem completamente desconhecido a v. exc., entro em sua casa alienado, venho-lhe perturbar o socego da sua solidão, dar-lhe um trabalho insano, irrital-a ás vezes forçosamente com a incommoda exaltação do meu delirio, e v. exc., sem desmentir uma só vez a bondade angelical do seu coração de pomba, depois de se ter feito enfermeira dedicada, irmã de caridade espontanea, ainda acha, nos thesouros da sua paciencia, resignação sufficiente para querer mostrar que tem pena, quando é abandonada por um hospede tão incommodativo. Oh! obrigado, senhora viscondessa.

— Engana-se, senhor Albuquerque, tenho realmente pena de que me deixe. Os cuidados que lhe prestei foram mais do que recompensados pelo prazer que me deu a sua cura, prazer egoista, prazer de vaidade satisfeita. Quem se compadece do trabalho de um auctor, quando a obra, que compunha, é coroada pelo successo? E de mais a mais o senhor Albuquerque era tão bom doente! obedecia com tanta promptidão á sua enfermeira!

— Oh! tornou José Augusto vivamente, se o louco lhe obedecia cegamente, verá se o mesmo homem em pleno gozo das suas faculdades lhe não obedece mais cegamente ainda. Mas enganei-me, continuou elle deixando pender a cabeça, que erguêra com enthusiasmo, louco ainda eu o sou, é só a loucura differente.

— Não é perigosa a loucura, respondeu a viscondessa sorrindo, quando apenas o doente a affirma.

— Engana-se, minha senhora; é mil vezes mais perigosa. Essa loucura, que despedaça os laços que nos ligam á realidade, e arrasta o coração nas azas de um sonho para as regiões ethereas, onde ha as delicias do paraiso, oh! essa loucura é a felicidade; mas anhelar doidamente um sonho de ventura e conhecer as prisões da fatalidade, suppôr por instantes só que podémos abraçar o phantasma que nos sorri, mas depois, quando queremos arrojar-nos ao espaço, bater com a cabeça nas grades de ferro da realidade; oh! isso é uma agonia indizivel, e vale mais, penso eu, deixar-se a gente despenhar desamparado no abysmo da sepultura.

— Então isso é uma recaída? — perguntou a viscondessa forcejando por sorrir.

— A molestia tornou-se chronica.

— Não posso ser então sua enfermeira?

— Oh! não! era matar-me.

— Tente curar-se a si proprio.

— Não, minha senhora, quero morrer abraçado á minha illusão.

— Ingrato, e eu que tinha tanto orgulho do seu restabelecimento.

— Ingrato, eu, viscondessa! Tem razão.

E suspirou.

— Sempre se quer ir embora?

— Que remedio, minha senhora! Olhe, deixe-me ser franco. Pois bem; não posso estar mais tempo no sitio onde tenho saudades da minha loucura, onde os suaves momentos que me valeu esse abençoado delirio, se estão transformando a cada passo em recordações dolorosas. Estou condemnado a amar o impossivel. Louca era a Branca phantasiada de uma lenda popular, e quando a luz da razão, dissipando o ente que eu creára, me faz ver esse espectro amado convertido na mais adoravel realidade, vejo-a talvez ainda mais impossivel para mim, e nem me resta sequer a consolação do delirio! Já vê que é forçoso que eu parta. Deixe-me ir longe d'aqui morrer de saudades, se não quer vêr-me a seus pés louco de desesperação, Amelia!

E José Augusto, com o rosto incendido, com os olhos fulgurantes, approximára a cadeira tão perto da viscondessa, que os halitos confundiam-se, os cabellos tocavam-se, e essa vaga voluptuosidade que páira na atmosphera ás horas do crepusculo, e que era ainda mais despertada pela penumbra do quarto, fazia-o estremecer, e infiltrava-lhe nas veias uma ignota languidez. A pouco e pouco tinha baixado a voz, de maneira que as ultimas palavras chegaram aos ouvidos da viscondessa, como um vago murmurio que reunia em si toda a melodia da mocidade e do amor!

Ella, commovida, palpitante, esqueceu entre as mãos de José Augusto a mãosinha tepida e tremente, que elle cobria de beijos. Aquelle silencio valia um poema. Ouvia-se o bater apressado dos dois corações; o joven enthusiasta caíu de joelhos, passando o braço á roda da cintura da viscondessa. Ella deixou-lhe caír a cabeça sobre o hombro e inundou-lhe o rosto com as tranças perfumadas. Albuquerque estremeceu, e ante os seus olhos passou como um relampago uma visão do paraiso.

N'este momento batiam á porta do toucador. Á pergunta «Quem é», feita pela voz perturbada da viscondessa, respondeu o vozeirão de um homem.

— Póde-se entrar, prima viscondessa?

Esta fez um gesto de impaciencia, e respondeu:

— Póde entrar.

Entraram duas pessoas, o primo Agostinho Corrêa, e o doutor Vidigal. O primo Agostinho olhou com cara de parvo para José Augusto; o doutor, mais perspicaz, sorriu-se vendo a perturbação dos dois actores da scena precedente.

— Meu primo, o senhor Agostinho Corrêa, disse a viscondessa voltando-se para José Augusto.

— Primo e noivo, diga, viscondessa.

Tal expressão de desespero appareceu no semblante de José Augusto, que a viscondessa sorriu-se e respondeu:

— A carta constitucional prohibe a accumulação de empregos, primo Agostinho. Apresento-lhe o meu noivo o senhor José Augusto de Albuquerque.

José Augusto apertou a mão da viscondessa com uma indizivel expressão de reconhecimento, Agostinho Corrêa deu um grito de sopresa, o doutor riu-se silenciosamente.

— Mas, prima viscondessa...

— Console-se, primo! Convido-o para o meu noivado, e prometto-lhe um jantar esplendido. Então, doutor, não me dá os parabens?

— Estou entretido em dar os pezames á humanidade solteira, minha senhora.

— Doutor, converta-se á fé matrimonial, arranje noiva e case no mesmo dia que eu.

— Muito obrigado, minha senhora. Como v. exc. se não quiz encarregar da minha conversão, serei sempre impenitente.

Depois, voltando-se para José Augusto, accrescentou, em quanto a viscondessa explicava ao atarantado primo os ultimos acontecimentos.

— Então, meu bom amigo, parece-me que está curado radicalmente. Uma aventura de phantasmas, terminando n'um casamento, é a aventura mais prosaica d'este mundo. Desertou o meu caro senhor das fileiras celibatarias, no momento em que dava as melhores esperanças. Um homem que se apaixonou por um espectro, casar com uma viscondessa... é inaudito. Em fim, é a fatalidade *Ana'tkh*, como diz Claudio Frollo. O senhor, quando estava doido, queria arrojar-se ao despenhadeiro do pinhal; restabelece-se, e atira-se de cabeça baixa ao precipicio do matrimonio. Safa!

— Que está dizendo, doutor? — perguntou a viscondessa, voltando-se de repente.

— Estou dizendo, minha senhora, que o casamento é um bello estado, e que o senhor José Augusto de Albuquerque deve dar graças a Deus, que lhe transformou em tão esplendida realidade a Visão do Precipicio.

M. PINHEIRO CHAGAS.

PALACIO DOS MARQUEZES DE CASTELLO MELHOR, AO PASSEIO PUBLICO

O antigo palacio e solar dos Vasconcellos, depois condes e marquezes de Castello Melhor, occupava todo o espaço que fica entre a rua dos Condes e a travéssa das Portas de Santo Antão, hoje tomado por diversas moradas que pagam fôro ao marquez actual. No outro quadro da mesma rua para o norte, até ao largo da Annunciada, existiu o famoso palacio dos condes da Ericeira. Estes palacios, que eram divididos pela chamada ainda hoje rua dos Condes, ficaram inteiramente arrasados e incendiados pelo terremoto de 1755.

Tinham porém os condes de Castello Melhor umas casas nobres á esquina da calçada da Gloria, que haviam pertencido aos condes da Castanheira, e as comprára em praça, no anno de 1666, o celebre valido e escrivão da puridade del-rei D. Affonso VI.

N'esta casa se fizeram muitos conciliabulos, e se passaram muitas scenas d'aquelle escandaloso reinado.

Quando a rainha de Inglaterra, mulher de Carlos II, e filha del-rei D. João IV, gratificou os serviços que lhe fizera o referido conde de Castello Melhor, dando-lhe uma pensão annual de mil libras esterlinas, por tempo de dez annos, o conde applicou esta somma para reformar e acrescentar a casa chamada da calçada da Gloria, em razão de ser por alli, n'aquelle tempo, a entrada principal.

O jardim deitava para uma horta chamada da Mancebia, a qual comprou o conde, bem como outras que havia por tôdo aquelle valle, e ribeira, hoje occupado pelo Passeio Publico. Verificámos pelas escripturas que o conde dispendêra mais de 22 mil cruzados n'estas compras.

Depois de ter assim arredondado esta nova residencia, o conde a vinculou no morgado que instituiu em 1703, denominado de Santa Catharina, para perpetuar o seu agradecimento á rainha D. Catharina, que o tinha gratificado com tão avultada quantia, além do presente de um annel de pedra diamante, do valor de doze mil cruzados; e uma joia que lhe offerecêra por parte do rei de Inglaterra Jacob II, seu cunhado, avaliada em nove mil cruzados, o que tudo elle vinculou n'este morgado.

Estes donativos lhe fez a rainha D. Catharina por uma carta datada de 23 de setembro de 1685, escripta em latim, com o seu retrato feito em miniatura no alto da primeira lauda do pergaminho, o qual se conserva mui bem resguardado no cartorio da casa.

Na escriptura da instituição d'este morgado, mandou o conde inserir a traducção d'essa carta, que é realmente honrosissima para um estadista que anda tão mal opiniado na historia de Portugal. [1]

Esta escriptura é tambem notavel pela mui longa exposição que o conde faz dos serviços que prestára nos diversos cargos que exercêra, chegando a dizer, que da casa de Castello Melhor descendem os homens que se acharam nas tres maiores occasiões de perigo de que resa a nossa historia; a saber — Egas Moniz no tempo de D. Affonso Henriques; Mem Rodrigues de Vasconcellos no de D. João I; e elle no tempo de D. Affonso VI.

Depois da morte d'este conde é que seu successor comprou a ermida que estava da parte opposta da calçada, á esquina da rua da Gloria, demolida em 1858, quando se concluiu a capella do palacio.

A ermida communicava com o palacio por um passadiço que atravessa a calçada da Gloria. Para esta havia uma janella de grades, em cuja verga se lia: *Esta capella é de Nossa Senhora da Pureza do Amor de Deus, feita em julho de* 1585: *e agora renovada pelo P. Antonio de Castilho em abril de* 1692.

E na sobreverga:

Esta ermida é do conde de Castello Melhor. Anno 1720.

Assim se conservou esta residencia, até que destruido o palacio das portas de S. Antão pelo terremoto de 1755, querendo o marquez de Pombal fazer um passeio publico n'aquella parte do Valle Verde que possuia a casa de Castello Melhor, lh'a comprou por conta do estado, começando-se a murar o passeio em 1764. Em 1765, por compensação ou indemnisação do monopolio do sabão *preto* que tinha a casa do conde em Lisboa; e dos fornos de «pão de poia» na ilha da Madeira, se lhe deu por decreto de 4 de setembro do dito anno, além do titulo de marquez, muitos bens de raiz e padrões de juro reaes, tambem uma grande parte da cerca de S. Roque, pertencente áquella casa professa dos jesuitas, havia pouco expulsos do reino, com cujo terreno o novo marquez engrandeceu esta sua propriedade, e projectou fazer um grande palacio, cujo risco encommendou ao architecto italiano Francisco Xavier Fabri, um dos que fizeram a tão discutida planta do palacio d'Ajuda, e que dirigiu as obras por alguns annos.

Parece que só em 1777 se começou a construcção do palacio que a nossa estampa desenha, e ainda agora está no primeiro andar, tendo-se principiado ha hoje 63 annos!

Grande parte das madeiras mandou do Brasil um dos ultimos vice-reis d'aquelle estado, Luiz de Vasconcellos e Sousa; o que não obstante as obras pouco progrediram, accommodando-se a familia dos marquezes na casaria antiga que deitava para a calçada da Gloria, que já se demoliu para levantar as tres propriedades que alli ha actualmente.

Segundo o risco primitivo de Fabri, que vimos, este palacio devia ter, além da sobreloja e do andar nobre que se acham quasi concluidos, mais outro andar, tambem de sacadas, com um zimborio ao centro, e um pequeno torreão em cada extremidade. Agora julga-se indispensavel alterar o plano, porque ficaria muito elevado para a estreitesa da rua, com o avançamento que teve o Passeio Publico.

As obras do palacio estiveram paradas uns 40 annos, até que o marquez Antonio, pae do actual, em 1845 lhe deu impulso, levando-o ao estado em que se acha, tendo trasladado para a nova capella, que fica no angulo do norte, o sacramento e as imagens que estavam na já mencionada ermida da Senhora da Puresa, que seus antepassados haviam comprado. A sagração e dedicação d'esta capella foi feita a 27 de junho de 1858 com toda a pompa religiosa.

É toda de cantaria, com duas columnas monolithas no altar-mór.

É das melhores capellas particulares que há hoje em Lisboa.

[1] Vid. os art. do num. 47 e 48 do t. II d'este semanario.

DO ENSINO RELIGIOSO NAS ESCHOLAS PRIMARIAS

(Vid. pag. 215)

CARTAS A UM PROFESSOR

III

Meu caro Leonardo

Marvilla 20 de julho de 1863.

Tendo nós já visto das alturas da adoração a que vos conduzi, o que é religião, de que elementos a relação entre Deus e o homem se compõe, e de que modo essa relação se estabelece, convem não passarmos d'este ponto, sem ficardes tambem sabendo o que é o culto externo, por isso que tem com o interno tão intima ligação, como o effeito com a causa.

O culto externo é para o interno, o que a falla, a escrita e as acções são para os pensamentos e affectos que por estes meios se exprimem; o que a nota é para o som musical que representa, o instrumento para a melodia que n'elle se executa ou toca, o corpo para a alma, isto é — a manifestação exterior da relação entre o homem e Deus, o conjuncto das fórmas sensiveis pelas quaes essa relação, *tomando um corpo*, se torna visivel e avultosa no meio do espaço e do tempo.

Ora, compondo-se a religião, ou o culto interno, de dois elementos principaes, como já vos fiz notar, de duas partes deve constar tambem, e consta effectivamente, o culto externo, a saber: symbolos ou signaes sensiveis da *acção divina* servindo-lhe de vehiculo para chegar á nossa alma, e expressão ou fórmas sensiveis da *reacção* da alma para Deus. E tal é em nós a necessidade das coisas visiveis e materiaes, para por ellas nos elevarmos ao conhecimento e contemplação das invisiveis e espirituaes, que, ainda que quizesse, não podia dar-vos a conhecer o primeiro elemento da relação de que tratâmos, a acção divina, sem vos mostrar conjunctamente, como fiz, os meios por que ella se exerce, as fórmas de que se reveste para chegar á nossa alma como convem; o que todavia me não dispensa de vos fallar novamente d'ellas.

Estas fórmas são pois:

1.° A prophecia, que é toda a palavra que contém verdades por Deus reveladas, e pela qual a divina Bondade se dirige directa ou indirectamente á intelligencia humana, alumiando-a não só com o conhecimento de sua personalidade, natureza e perfeições, mas dos verdadeiros destinos do homem, dos meios de se attingir o fim para que fomos creados, e finalmente de muitas outras verdades que pelo simples exercicio da razão, e sem o auxilio d'esta luz sobrenatural nunca chegariamos a descobrir.

2.° Os sacramentos, signaes sensiveis, que, produzindo interiormente o que as acções exteriores significam, e purificando a alma de toda a impureza e mancha de peccado que a tornam indigna da união com o Santo por essencia, lhe communicam do alto, ao mesmo tempo, a virtude e força que sobrenaturalisa o amor que nos une a Deus.

3.º O sacrificio do altar, renovação permanente do sacrificio da Cruz, catadupa immensa no meio dos tempos, a lançar constantemente do ceo sobre a humanidade as torrentes de vida divina, que por meio dos sacramentos se communicam a cada homem que tem a dita de os receber, e á sociedade christã em geral.

Por outro lado, a necessidade que os homens tem de exprimir quanto pensam, sentem e querem, recresce a tal ponto a respeito do sentimento religioso, por ser de todos o mais profundo, que debalde se conjurariam todos os poderes para obstar a que o manifestassem por todos os meios de expressão de que são dotados.

O mais natural e prompto d'estes meios é, sem duvida, a voz, e pela voz, a palavra; e a elevação da alma para o ceo, encorporada na palavra, constitue a *oração oral*, que, podendo ser articulada ou modulada, nos vem a dar a reza ou o canto.

À oração oral accresce a chamada *oração de acção*, que não só comprehende os gestos e attitudes do corpo, indicios naturaes do que no interior se passa, mas muitas obras piedosas que symbolisam a elevação ou reacção da alma para Deus, e lhe servem de instrumento.

O sentimento religioso, de sua natureza complexo, toma ordinariamente, ao manifestar-se ou *exteriorisar-se*, a fórma congenita e mais natural do que, n'essa occasião, mais exaltado se acha entre aquelles de que se compõe, e correspondente á fórma sob a qual a acção divina tinha mais proximamente provocado a reacção da alma: e d'aqui vem as differentes especies de oração, tanto *oral* como *de acção*.

Quando no individuo ou na sociedade se exalta o sentimento que resulta da contemplação do poder e sabedoria do Creador, patentes nas obras da creação e das mais perfeições infinitas e magestade do soberano Senhor de todas as coisas, presente á alma pela fé, as fórmas sob que o sentimento religioso ou a devoção da alma, glorificando o ser supremo, se manifesta, são os *hymnos*, as inclinações de cabeça e corpo, a compostura e gravidade de porte com que nos aproximâmos das coisas sagradas, a construcção dos templos em honra da divindade, a sumptuosidade com que se ornamentam esses templos, a solemnidade e pompa das procissões e mais actos e ceremonias religiosas. Se entre os ditos sentimentos se exalta o da gratidão e reconhecimento pelos beneficios recebidos de Deus, quer por via da natureza, quer por via da redempção e da graça, costuma o sentimento religioso manifestar-se pelos *canticos*, os osculos nas coisas santas, as nuvens de fumo do incenso queimado perante os altares, imagem da alma que se eleva em agradecimento, as luzes ardendo nos templos symbolisando o fogo da caridade; pelas offerendas e oblações, não só de quanto os homens reputam precioso, mas até de suas proprias pessoas, consagrando-se pelo voto ao serviço divino, e á pratica temporaria ou perpetua de obras não mandadas pela lei, sacrificando em fim á honra e gloria de Deus, além da liberdade pelo voto e juramento, as proprias vidas pelo martyrio. Se finalmente o que se exalta e predomina é o sentimento da propria fraqueza, dependencia e necessidade do auxilio divino para se viver e alcançar o fim para que todos fomos creados, a *invocação e as preces*, as genuflexões, a elevação dos olhos ao ceo, a prosternação e mais attitudes de supplicante, as vigilias, abstinencias, jejuns, mortificações e sacrificios constituem as fórmas por que o sentimento religioso se exprime e manifesta.

Além d'isto, o desejo de agradar e servir a Deus é inseparavel de todos e de cada um dos mencionados sentimentos, e a necessidade de o realisar por obras, tão forte e instante, como a de os exprimir por todos os meios ao nosso alcance. E na realisação d'este desejo, que não póde ter nunca logar senão pela conformidade dos actos da nossa vida com a vontade divina, reconhecida por lei suprema, vem a dar-nos a moral, notavel ramo saído da magestosa arvore da religião, como a existencia de cada um de nós do grande tronco da humanidade.

Mas nem todos estes meios são ainda sufficientes, e deixariam o christão satisfeito; os hymnos, os canticos, as preces, a oração de acção, e a pratica das obras da lei não chegam a dar-nos a expressão adequada e completa do sentimento religioso; falta-nos para uma parte d'ella, para um dos sentimentos de que se compõe, que sem nunca chegar a ser dominado por nenhum dos outros, domina com todos e cede um d'elles, qualquer que seja o grau de exaltação a que se elevem; tal é o sentimento da impossibilidade de dar a Deus os louvores e agradecimentos condignos, de obter do ceo coisa alguma pelos proprios merecimentos, por mais que faça, e, sobre tudo, de dar á divina justiça cabal satisfação pelos peccados commettidos sem o concurso e intervenção de um mediador de merecimentos infinitos. E se Deus, por sua misericordia, não tivesse posto á nossa disposição, como remedio para nossas enfermidades, esses meios de se exprimir completamente o sentimento religioso que nos falta, nunca nós chegariamos a manifestal-o senão pelos desvarios e crimes do desespero.

Esses meios que não temos em nós, nem nunca encontrariamos na natureza, e Deus por sua misericordia infinita nos ministra, são o sacrificio da missa e os sacramentos: — o sacrificio pelo qual os fieis, unidos por uma devota assistencia á celebração d'este divino mysterio, ao sacerdote e a J. C. pela fé e communhão, tem a certeza de levar n'Elle e por Elle á presença do Eterno, todo o louvor que se lhe deve, condignas acções de graças, plena satisfação á divina justiça pelas offensas dos homens, e uma intercessão efficaz para se obterem do ceo novos favores: — os sacramentos, porque n'elles vão tambem os fieis procurar, pela digna recepção d'elles, o remedio para suas enfermidades espirituaes, a paz da consciencia, e o alento para continuarem a sua peregrinação pela terra, e chegarem sem desfallecer ás portas da bemaventurança.

Assim, pois, a prophecia ou palavra que contém verdades reveladas, os sacramentos e o sacrificio servindo de involucro e vehiculo á acção divina, por uma parte: a oração oral e a oração de acção, o sacrificio e os sacramentos, como expressão da reacção ou elevação da alma para Deus, pela outra, constituem o culto externo, ou o que em geral se chama simplesmente culto (do latim *colere, cultivar*), que S. Agostinho disse ser «um composto ou aggregado d'aquellas acções pelas quaes Deus cultiva o coração do homem para n'elle fazer brotar a santidade e justiça; e os homens grangeiam o coração de Deus, para d'elle tirar os fructos da misericordia».

Eis o edificio religioso concluido, e com elle terminado tambem, por hoje, o trabalho do

Vosso, etc.

P. M. D'AGUILAR.

REPARAÇÃO

Quando tratámos a pag. 207 dos mausoleos del-rei D. Affonso IV e da rainha D. Beatriz, que estão na sé de Lisboa, esquecemo-nos de mencionar uma circunstancia importante, e nada menos que a de terem aquelles tumulos por auctor a Joaquim Machado de Castro. Apressâmo-nos pois a fazer esta reparação á memoria do nosso habil desenhador e distinctissimo esculptor; reparação tanto mais devida, quanto é grande a honra que os ditos monumentos lhe fazem.

VILHENA BARBOSA.